



Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti.df@dabr.com.br

Dias de luta, e um dia de glória

No domingo, Taguatinga foi sede da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+. Umas 30 mil pessoas foram às ruas para celebrar a diversidade e promoveram uma festa bonita, colorida e repleta de simbologias que repercutiu bastante no feed e nos stories do meu Instagram.

De plantão durante todo o feriadão, não pude comparecer. Na redação, além de curtir e comentar as postagens que pipocavam, editei o conteúdo que o repórter Naum Giló e o fotógrafo Marcelo Ferreira produziram para o **Correio**. Mas a equipe trouxe não somente imagens instagramáveis, como é de praxe em

um evento que reúne bandeiras com estampas de arco-íris e figurinos cheios de brilho. O que me chamou a atenção foram os relatos simples, nada rebuscados, de seres humanos que só desejam amor, respeito e liberdade. Como o da drag queen Pérola Negra, que resumiu o sentimento dela: “A Parada é libertadora porque a gente pode vir vestido e se expressar como quiser. É uma vida de luta, mas hoje é um dia de glória”.

Um dia de glória em meio a uma vida de luta. A frase da companheira é forte e cheia de códigos que ferem num lugar que nem todos conseguem acessar. A vida de quem nasce fora do padrão heterossexual cisgênero — e opta por se aceitar — é uma interminável guerra. E, para uma maioria marginalizada, dias gloriosos como o desse domingo são raros e devem ser aproveitados para extravasar tanta angústia represada.

Adoraria ter ido. Na do Plano Piloto, em julho, eu compareci. E não fui sozinho. Estava com o meu noivo — com quem planejo casar de papel passado ano que vem —, e levamos a irmã, os pais e a avó dele e até o yorkshire Will, da minha cunhada. Nosso núcleo estava disposto a festejar em família — e, se isso não se encaixa no conceito de alguns para família, só posso lamentar. Estão perdendo o quão agradável é presenciar grupos de amigos, casais de namorados e famílias — incluindo as convencionais — se unindo em uma celebração diversa, múltipla, feliz e tranquila. O que vimos foi um desfile lindo de trios elétricos musicais coloridos, com ritmos pulsantes e uma energia contagiante que havia tomado conta da área central da capital. Gente de verdade. E zero violência.

A Parada de Brasília tem uma

característica especial exclusiva: a bandeira do arco-íris está emoldurada pelo esplendor monumental dos edifícios que representam o poder brasileiro. Mas, ao contrário daqueles que invadiram o mesmo ambiente com as cores verde e amarela, essa multidão colorida só deseja paz, em meio a tantas investidas cruéis de grupos políticos contrários à multiplicidade humana, que transitam nesses prédios e parecem ignorar as agressões diárias que são destinadas a uma comunidade. É um mar de pessoas armadas de orgulho e afeto, decididas a regozijar a existência. Se não a delas, a do filho, a da irmã, a da amiga, a do vizinho.

Pérola Negra relatou que a Parada LGBTQIAPN+ liberta porque “a gente pode se vestir como quiser”. Afinal, qual de nós já foi violentado na rua por causa da roupa que estava usando? Ela,

certamente, muitas vezes. Hoje, a batalha uníssona é contra o retrocesso na proibição do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Eu quero me casar, como citei anteriormente. E vou defender esse meu direito que não caiu do céu. Porém, acho importante também vestir a camisa em defesa das drags que querem expressar sua arte. Assim como o registro civil, o figurino também é uma das formas de existir.

O que eventos como o desse domingo e o de 9 de julho último nos mostram é que, seja numa festividade popular anual ou no cotidiano, na Esplanada dos Ministérios ou no centro de Taguatinga, nós — gays, lésbicas, trans e os representantes de todas as letras do alfabeto — precisamos seguir firmes na luta pela garantia da nossa cidadania. E seguiremos, com suor e muito orgulho.

REGULAMENTAÇÃO / Pesquisa da UnB aponta que entregadores e motoristas de aplicativos do DF e do Entorno não querem ter patrões, preferindo trabalhar por conta própria, com autonomia para definir os horários

Motoristas de apps querem novas regras de trabalho

» LETÍCIA MOUHAMAD

Não é novidade que as relações de trabalho acompanharam os avanços tecnológicos e se modificaram consideravelmente. Porém, em muitos casos, a garantia dos direitos trabalhistas ficou estagnada, resultando em condições precarizadas e desvalorizadas. Esse foi o plano de fundo da pesquisa “Para onde vai o trabalho humano na era digital?”, produzida pelo grupo de pesquisa Mundo do Trabalho e Teoria Social, da Universidade de Brasília (UnB).

O estudo começou em 2020 e ouviu entregadores e motoristas de aplicativos do DF e do Entorno. O objetivo foi compreender as percepções desse grupo em relação ao debate sobre a regulação do trabalho em plataformas digitais. Os resultados revelaram contradições entre o desejo de ter direitos trabalhistas, ao mesmo tempo que se rejeita o contrato de trabalho e se valoriza a autonomia e a flexibilidade.

Nas atuais condições, os trabalhadores preferem atuar, em média, 16 horas por dia, para obter uma renda líquida que não teriam como celetistas — aqueles com direitos determinados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Segundo Ricardo Festi, professor de sociologia da UnB e um dos pesquisadores, apesar da ótima recepção dos entrevistados, ficando evidente a vontade de contar suas histórias, a natureza da atividade dificultou entrevistas de longa duração.

“Esse é um dos desafios: escutar uma categoria que necessita contar a sua realidade, mas que não tem tempo a perder, pois está totalmente submetida aos mandos do algoritmo”, explicou o especialista. A etapa da entrevista em profundidade teve início recentemente e visa compreender as dimensões mais políticas, subjetivas e de trajetória de vida desses profissionais.

Perfil

Para Ricardo Festi, evidenciou-se, até o momento, que o perfil dos trabalhadores contempla homens e mulheres, majoritariamente negros e negras, que vivenciaram a informalidade ou empregos com contratos de trabalho precários.

“Há uma associação entre subordinação a um patrão à ideia de baixo salário, assédio moral, discriminação e precariedade. Eles têm consciência das péssimas condições de trabalho nas plataformas digitais. Então, demandam a garantia de direitos, ao mesmo tempo que desejam manter o que entendem por liberdade, isto é, não ter um superior diretamente vinculado e nem uma jornada diária ou semanal limitando-os”, completou o pesquisador.

As consequências da “uberização” são as altas jornadas de trabalho, os baixos rendimentos, os altos riscos, que incluem assaltos, acidentes e conflitos; o adoecimento mental, os conflitos familiares, entre outros. Ronaldo Tolentino, advogado trabalhista, lembra que, atualmente,

Letícia Mouhamad/CB/D.A Press



Luan Firmino trabalha cerca de oito horas por dia pelas plataformas digitais, inclusive aos finais de semana

Necessidades dos entrevistados				
57,49%	55,06%	45,75%	16,19%	12,55%
adicional de periculosidade	auxílio-doença e auxílio-acidente	auxílio alimentação	necessidade de contrato de trabalho	limite da jornada diária e semanal de trabalho

não há norma trabalhista que ampare essa categoria e que a conquista de direitos passa necessariamente por uma questão legislativa, não judiciária.

Além da regulação da categoria, a pesquisa aponta que é preciso que haja a normalização da atividade econômica, na qual as empresas paguem os direitos trabalhistas, como previdência social e seguro-saúde, e os impostos sobre sua atuação comercial. Do contrário, segundo o estudo, haverá um aumento da desigualdade social e o avanço da precarização do trabalho.

Reinaldo Tavares, 49, trabalha como motorista de aplicativo há mais de cinco anos, cumprindo

cerca de 60 horas semanais. A oportunidade de atuar por conta própria, sem patrão e com flexibilidade de horários o motivaram a ingressar na profissão. “É uma jornada puxada, exige determinação, mas gosto do que faço, dirigir e lidar com o público”, comentou.

Flexibilidade

Questionado sobre as melhorias que almeja no trabalho, o profissional citou o aumento dos ganhos por hora — hoje, em torno dos R\$ 35 —, em vista dos gastos excessivos com combustível e manutenção do veículo. Tornar-se celetista, porém, não é uma

opção. “Queremos ser donos do nosso próprio negócio, fazer o nosso tempo e ganhar um dinheiro melhor do que ganharíamos se fôssemos fichados”, ressaltou.

Para o futuro, Reinaldo considera trabalhar em mais um emprego, para não depender totalmente das plataformas digitais. O motorista de app relatou se sentir desgastado pela profissão. “Apesar de rejeitarmos um regime CLT, sonhamos com benefícios, como a regulação de direitos, visto que somos reféns dos aplicativos”, desabafou.

Em concordância, o entregador Luan Firmino, 35, pontua que, além da desvalorização,

com baixa remuneração, longas jornadas e alta competitividade, trata-se de uma profissão arriscada, na qual fica à mercê de assaltos e acidentes de trânsito. “A gente se sujeita a isso porque precisa. Tem que trabalhar muito para conquistar um salário razoável”, revelou.

O motoboy, que atua nas plataformas digitais há três anos, não tem confiança de que o regime CLT melhoraria as condições de trabalho. “Acho que, dessa forma, estipulariam muitas regras, nos limitando”, disse. Nesse contexto, a facilidade em obter lucros, visto que os ganhos são semanais, está entre as vantagens da profissão.

EVENTO

Prevenção é o melhor caminho

» ARTHUR DE SOUZA

O **Correio Braziliense** realiza, nesta quinta-feira, o evento Câncer de mama: uma rede de cuidados. O CB Debate ocorre no mês destinado a chamar a atenção para o diagnóstico precoce da doença, o Outubro Rosa. Somente para o ano de 2023, foram estimados quase 74 mil novos diagnósticos no Brasil.

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), o câncer de mama é o mais incidente entre as mulheres no Brasil, além de

ser uma das principais causas de morte. De acordo com dados da Secretaria de Saúde (SES-DF), somente entre janeiro e setembro deste ano, foram registrados 430 novos casos da doença na rede pública da capital. No mesmo período, como forma de tratamento, os hospitais realizaram 2.572 quimioterapias, 149 radioterapias e 131 mastectomias.

O evento iniciará às 14h30, no auditório do jornal, e terá transmissão ao vivo pelas redes sociais oficiais do **Correio** no YouTube e no Facebook.

Ed Alves/CB/DA Press



Celina Leão ressalta a importância do diagnóstico precoce

Além disso, será aberto ao público, por meio de inscrição prévia (confira o QR Code). A programação inclui dois painéis com os temas “Estilo de vida e câncer: da prevenção ao

pós-tratamento” e “Os avanços nos diagnósticos e tratamento”.

O seminário contará com a presença da vice-governadora do DF, Celina Leão (PP), e da secretária de Saúde do DF, Lucilene



Aponte a câmera do celular para ir direto à página de inscrições do evento

Florêncio. Celina destaca que o medo de falar a respeito do câncer de mama ainda é um fator que afeta o diagnóstico da doença. “Acredito que ações como a do **Correio Braziliense** visam desconstruir esse paradigma. Falar abertamente sobre o câncer ajuda a esclarecer mitos e verdades e, com isso, aumentar

as chances de enfrentamento da doença”, avalia.

A vice-governadora ressaltou que o diagnóstico precoce é importante, para que a mortalidade em decorrência do câncer de mama possa ter uma redução. Além disso, ela aponta algumas ações do GDE. “Promovemos, anualmente, campanhas de conscientização, mutirão de mamografias e de reconstruções mamárias. Todas essas ações são gratuitas”, reforça.

Celina Leão acrescenta que as unidades básicas de saúde (UBSs), que integram a atenção primária, são a porta de entrada para o diagnóstico da doença. “É o popularmente chamado ‘postinho’, local que as pacientes devem procurar, em casos dos primeiros indícios durante o autoexame”, alerta a vice-governadora.